

## APRESENTAÇÃO

E se Louis Braille não tivesse nascido?

Esta edição especial comemora o aniversário de 160 anos do Instituto Benjamin Constant (IBC). A ideia de fazer uma compilação sobre o braille surgiu, inicialmente, do desejo de celebrar, também, o uso oficial do Sistema Braille no Brasil, datado de 1854, no então inaugurado Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

Longe de qualquer pretensão de trazer o passado com olhos do presente, comemorar o IBC por meio do Sistema Braille é constatar que as histórias dos dois se entrecruzam, quando Alvares de Azevedo, recém-chegado de Paris, empresta seu próprio material para que a instituição comece a ensinar o braille. Havia no gesto de Azevedo um quê de urgência? Provavelmente, sim. É muito bom crer que ele sabia da necessidade de mudar o curso da história!

Entretanto, é necessário admitir o aspecto intangível do braille, se falado por alguém que nunca precisou dele para ler. Desse fato não podemos fugir. É como falar de algo que está distante, por mais perto que esteja. Falta, sempre. Mas, por que não ousar? Solicitamos, assim, permissão para uma ousadia. Vamos chamar de “uma ousadia licenciada” o reconhecimento de que as questões relacionadas com a cegueira podem ser tratadas por quem enxerga, mas não devem estar ao encargo somente de quem sempre enxergou. E muito grave ainda é concebê-las na ponta de uma caneta daquele que sequer um dia ouviu o que uma pessoa cega tem a dizer, mas se investe do poder de decisão sobre sua vida e, com as mais variadas justificativas, mantém as pessoas que não enxergam sob a tutela do conhecimento de quem enxerga.

E se Louis Braille não tivesse nascido? Provavelmente, teríamos hoje outro sistema, uma forma de leitura semelhante, ou talvez muito diferente, daquela que é, sem dúvida, fruto da genialidade de alguém que, é fácil imaginar, viveu seu tempo pautado pelo estranhamento e pela inconformidade. Alguém que tinha muito a fazer no mundo e não podia acomodar-se, nem sequer intimidar-se, aos impedimentos que a cegueira anunciava. Quem de nós não gostaria de tê-lo conhecido pessoalmente? Podemos nos arriscar e dizer que Louis Braille estava prenhe de um futuro. E, é claro, como toda gestação, sua invenção carregava a potência do novo, da esperança.

Este é o sentido que o Sistema Braille não cansa de ressignificar: a esperança, que vem imbricada em cada ponto que um dia Louis Braille encravou no papel e que vem se perpetuando ao longo da história das pessoas cegas pelo mundo. De sua criação, podemos ouvir ecoando em uníssono a palavra autonomia, embora todos esses pontos, juntos, podem, paradoxalmente, levar aos caminhos nada acessíveis que os cegos têm sido obrigados a percorrer na luta pelo respeito, antes de tudo, à dignidade.

Propomos que os textos incluídos nesta edição sejam considerados na categoria rastros, no sentido gagnebiniano, de um passado que é preciso lembrar, sempre, na tentativa de dar significado ao que se passa com os sujeitos ao longo de seu percurso histórico. Falar de rastros é falar dos legados que nos são deixados por aqueles que nos antecederam, como tesouros a serem preservados e passados adiante incansavelmente. Assim, um rastro revela a possibilidade da continuidade e da transformação.

Nesta compilação, trazemos textos de autores convidados, depoimentos de exalunos e também reproduzimos outros textos já publicados – e que consideramos insubstituíveis – na tentativa de darmos conta de um desejo simples: mostrar que o braille, antes de tudo, tem sido instrumento de emancipação, luta e afirmação. São narrativas que trazem histórias, discussões, ações, recordações e perspectivas iniciadas antes mesmo da criação desse código que mudou concepções e rompeu barreiras.

Em tudo que você irá ler aqui, caro leitor, vale ressaltar que, ao longo do tempo, a condição de cegueira vem percorrendo os mais variados caminhos em diferentes culturas e se transformando: da escória da sociedade ao fruto do pecado, chegando a ocupar o pedestal da magia – em que ser cego significava ter grande sabedoria e o dom da premonição –, até alcançar, enfim, um lugar na graça humanitária e perseverante de Valentin Haüy. Com certeza, o ser cego ganhou nova configuração na pessoa de Louis Braille, a quem o destino reservou a incumbência de aperfeiçoar e criar as condições ideais de letramento àqueles que não podiam ver.

Ao comemorarmos 160 anos da introdução do Sistema Braille no Brasil, depara-mo-nos envolvidos com uma nova discussão que urge do avanço tecnológico. Se, de um lado, os recursos de informática sofisticados e acessíveis facilitam a vida de todos, sem classificações e discriminações, de outro anunciam as nuances de um fantasma possível: a “desbrailização”. Podemos chamar de um retrocesso? Ou será apenas uma nova fase, como tantas já passadas? Podemos reafirmar que é incabível pensar no Sistema Braille sendo subtraído do processo de letramento da criança cega.

Portanto, não por acaso, aos 160 anos, o IBC merece, hoje, nosso mais profundo respeito e o desejo premente de repensá-lo para preservá-lo ao longo dos tempos, em honra à memória de todos que aqui sonharam e o fizeram possível.

Claudia Lucia Lessa Paschoal e Naiara Miranda Rust  
Em 17 de setembro de 2014.